

O CASO DO “PEQUENO HANS”: RELAÇÃO ENTRE FOBIA E SEXUALIDADE INFANTIL

2012

Mariana Luíza Becker da Silva

Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Santa Catarina (2016). Atuante no Serviço de Abordagem Social do município de São José /SC (Brasil)
marianaluiza_b@hotmail.com

RESUMO

A fobia pode ser analisada através de diversas abordagens. No presente estudo, será discutido o transtorno com base na visão psicanalítica. A partir da relação do caso “Pequeno Hans” descrito brilhantemente por Freud, é possível compreender o funcionamento e o surgimento de uma fobia, e a importância do desenvolvimento sexual infantil para esse contexto. Nesse estudo é possível compreender a visão da psicanálise a cerca da fobia perpassando por diversos conceitos básicos da abordagem teórica, os quais serão comentados e todo o atravessamento da sexualidade.

Palavras-chave: Fobia, sexualidade, psicanálise e pequeno Hans.

Copyright © 2016.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



A fobia é caracterizada por uma série de transtornos, por vezes bem definidos, que geram ansiedade e que não são perigosos aos olhos dos outros, mas muito ameaçadores para o sujeito. O sujeito até pode reconhecer que o seu medo é irracional, entretanto não consegue evitar. Esses medos interferem na sua rotina e nas relações que estabelece com os outros, sendo, portanto, de grande importância os estudos acerca do tema. Alguns medos, como a estranha fobia de um cavalo, parecem estranhos e poderiam causar certos inconvenientes para a vida de um menino de cinco anos, no entanto Freud nos revela uma relevante interpretação para toda a relação da vida sexual dessa criança. O interessante das fobias é a sua multiplicidade de significados inconscientes. No século passado, o pai da psicanálise, Sigmund Freud, esclareceu-nos o funcionamento das fobias, o qual, no presente trabalho, irei relacionar com a sexualidade infantil observada no caso do pequeno Hans.

De acordo com o dicionário de psicanálise organizado por Chemama (1995), a fobia é caracterizada por um “ataque de pânico diante de um objeto, animal ou determinada organização do espaço, que funcionam como sinais de angústia”. Em “As Neuropsicoses de Defesa”, Freud (1894) citado por Firme (2005) explicita as “manifestações fóbicas como sendo uma defesa que se estrutura de forma inconsciente, a semelhança do que ocorre na histeria e na neurose obsessiva” (FIRME, 2005, s/p.). Freud (1894) expõe que o estado emocional das fobias sempre será de “angústia”. Segundo Rosenberg (1994) Freud trabalha com duas teorias da angústia. A primeira é elaborada entre 1894 a 1900;

seu caráter metapsicológico è fundamentalmente econômico. Afirma que a libido³ estancada, não-elaborada e, fundamentalmente, desligada de suas representações, acaba por ser liberada como angústia. Esta teoria corresponderia mais à angústia das neuroses atuais, nas quais os sintomas se formam como decorrência da transformação direta da excitação em angústia; situação esta que dificulta a análise, devida às falhas na representação. (ROSENBERG, 1994, s/p.)

Em “Obsessões e fobias” (1894), Freud propõe que a fobia faz parte de uma neurose de angústia e sua causa seria uma “acumulação de tensão sexual produzida pela abstinência ou pela excitação sexual não consumada” (FREUD, 1894, p. 83)

Ele ainda separa as fobias em dois grupos: (1) que pouco ou nada teriam a ver com a história particular daquele sujeito, não seriam passíveis de serem analisados, pois representam uma descarga direta de angústia. São fobias de caráter mais genérico e inespecífico, como medo exagerado de coisas que todos detestam ou tem em alguma medida, tais como a noite, a solidão, a morte, as doenças, os perigos em geral, as cobras etc.; (2) se origina de uma parcela de libido que foi desligada de sua representação pelo recalque e liberada no aparelho psíquico, onde foi descarregada em forma

de angústia. Está ligada, não a um objeto específico, mas sim a um certo ambiente, medo de condições especiais que não inspiram medo ao homem normal: por exemplo, agorafobia e as outras fobias da locomoção, “O estado emocional só aparece, nesses casos, em condições especiais, que o paciente evita cuidadosamente.” (FREUD, 1894, p. 82)

Em 1909, Freud publica o caso clínico do “Pequeno Hans” retomando a questão da fobia adicionando a introdução de uma nova identidade clínica: a “histeria de angústia”. Laplanche (1986) a define como “designação introduzida por Freud para isolar uma neurose cujo sintoma central é a fobia, e para sublinhar sua semelhança estrutural com a histeria de conversão”. Em conformidade com Filho (2011), a histeria de angústia seria primeira invasão do eu pela angústia liberada pelo trabalho do recalque e que seria elaborada por um mecanismo de defesa (por exemplo, um deslocamento) obtendo como consequência uma fobia. Pode-se dizer que a histeria de angústia é uma fobia na qual a angústia ainda não foi ligada a um objeto que, pela sua condição de despertar o medo, permita evitá-la. Nas fobias, as representações angustiantes já estão amarradas a determinados objetos afastados do original.

A segunda teoria veio com a publicação de “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926) e foi formulada após a elaboração da segunda teoria tópica do aparelho psíquico. Freud sustenta agora que a angústia funciona como um alarme do Eu para o Eu, relacionada à situação pulsional que acompanha a angústia de castração. É em função desta segunda teoria de Freud que é conveniente trabalhar a questão das fobias. É a partir deste momento que se prioriza a angústia perante o medo do ataque da pulsão. (ROSENBERG, 1994, s/p.)

Para exemplificar o funcionamento de uma fobia comentarei o caso clínico do Pequeno Hans extraído da “Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos”. O tratamento do pequeno Hans é dirigido por Freud, por intermédio do pai do menino que inicialmente dispõe-se a observar a vida sexual de seu filho e enviar o material obtido, com o intuito de confirmar as teorias freudianas sobre a sexualidade infantil. Algum tempo depois, no entanto, lamenta o pai, o material enviado transforma-se em material para um caso clínico. Hans era um menino de quatro anos e meio, cheio de questionamentos sobre os órgãos sexuais, as diferenças anatômicas entre o homem e a mulher, o nascimento de bebês e envolvido por uma série de fantasias ligadas a masturbação, ao Édipo e ao sentimento de castração – os quais detalharei melhor.

A vivência da sexualidade infantil despertou em Hans o temor de castração e sua intensa ansiedade fora deslocada para um objeto no mundo externo – o cavalo - e desencadeou o desenvolvimento de uma fobia. Freud enfatizou com isso que o conhecimento das teorias da sexualidade infantil é imprescindível para se compreender as doenças psíquicas.

Freud (1916) citado por Leite (2003) afirma que nem sempre o termo sexual refere-se à genitalidade e à reprodução, sendo que a criança desconhece a função reprodutiva, mas é provida de vida sexual. “A sexualidade infantil é caracterizada por auto-erotismo, por zonas erógenas e por



pulsões parciais e caóticas, independentes entre si em seus esforços para obtenção de prazer.” (LEITE, 2003, p.8).

Hans, desde os três anos, chamava seu órgão sexual de pipi e comparava o tamanho do órgão genital de sua mãe com o órgão sexual de animais grandes. Além disso, queria ver o pipi de sua mãe e de amigas. Também gostava de ser olhado urinando e, mais tarde, começou a se sentir envergonhado com esse ato, o que sugere que seu exibicionismo sucumbiu a uma repressão. Quando tinha três anos e meio, sua mãe ameaçou de cortar fora o seu pipi quando o viu se masturbando. Posteriormente, esse acontecimento, somado ao fato de sua mãe não ter pipi, proporcionaram intenso temor de castração, temor da perda do que o órgão fálico representa: poder, atividade, conquista.

Leite (2003) cita as ideias de Freud sobre o complexo de castração, que acontece na fase fálica infantil, na qual a criança acredita que só existe um órgão genital - o falo - e aqueles que não o tem seriam os castrados, “inferiores”. “Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais” (FREUD, 1923 *apud* LEITE, 2003).

A fantasia da castração é reforçada pelas ameaças dos adultos, de que cortarão seu pênis fora caso elas não parem de manipulá-lo (atividade comum nessa fase). Para enfrentar esse temor, o menino desenvolve mecanismos de defesa, como a identificação. Tentando se identificar com o pai para ter as mesmas chances com a mãe, o que será fundamental para aquisição de sua identidade masculina. No entanto, o desejo pela mãe é mantido. Então o menino desenvolve outra defesa: a repressão do amor sexual pela mãe. Porém a energia de atração sexual pela mãe precisa encontrar um escape e, então, outro mecanismo é ativado, a sublimação, através da qual a criança dirige sua energia para a construção intelectual e social.

Em relação ao caso clínico do pequeno Hans, o nascimento de sua irmã gerou-lhe imensas dúvidas acerca da origem dos bebês desconfiando de seu pai, quando o mesmo lhe informou que foi a cegonha que a trouxe, criando histórias para o possível nascimento. Em relação à sua irmã, havia também um sentimento de desconforto observado em uma situação o qual Hans diz pensar na irmã sendo afogada na banheira. De acordo com Dal-Cól & Palma (2011), é possível relacionar, no caso Hans, as situações de angústia do ato do nascimento da irmã e da separação da mãe ao cuidar da irmã com a situação de angústia de castração (Freud, 1925). Nesse sentido,

o significado de medo da separação, da perda do objeto, se estende além do ponto da separação da mãe, pois a transformação seguinte do conteúdo da situação perigosa e da angústia, que pertence à fase fálica, também constitui o medo da separação e está ligado ao mesmo determinante – nesse caso, o perigo de se separar de seus órgãos genitais (FREUD, 1923 *apud* DAL-CÓL, 2002 *apud* DAL-CÓL & PALMA, 2011).

Dal-Cól & Palma (2011) comentam a teoria de Freud em que a angústia de castração é o deslocamento da situação de perigo como perda do objeto-mãe para a de perda do falo. A ameaça de ficar privado do órgão equivale ao perigo de renovar a separação da mãe e, com isso, ficar desamparadamente exposto a uma tensão crescente decorrente da necessidade pulsional, a qual pertence à libido genital e não mais indeterminada como foi no período da primeira infância (FREUD, 1925 apud DAL-CÓL & PALMA, 2011).

Retornando ao caso Hans, aos quatro anos ele já se interessava por meninas e já demonstrava o desejo da bissexualidade infantil, falando de seu amor por um amigo. Ocasionalmente Hans dormia na cama com os pais facilitando a intensificação do amor edipiano pela mãe e hostilidade com o pai.

Fiori (1981) citado por Leite (2003) explica que, na fase fálica, a libido, por estar direcionada aos genitais, gera uma necessidade de descarga do acúmulo da tensão. Desta maneira, torna-se necessária a busca do objeto que permitirá a obtenção do prazer. Portanto o menino procura na figura feminina mais próxima seu objeto de atração sexual: sua mãe. Isso é consequência natural do processo, visto que o menino tentar obter a satisfação na relação homem-mulher, sente que essa ligação será prazerosa, já que sua mãe foi o suporte afetivo inicial e é a mulher de quem ele mais gosta. No entanto, a relação incestuosa é algo proibido e esta fantasia deve ser recalçada: inicia-se o Complexo de Édipo. O pai entra na relação mãe-filho enquanto figura repressora, interventor do incesto que deve ser combatido no plano da fantasia. Ele torna-se uma figura ambivalente para o filho, pois ele ainda é uma imagem de amor e modelo. Assim, o pequeno Hans desejava que seu pai caísse e morresse como um cavalo que ele viu cair, todavia também sentia culpa pela agressividade para com o pai.

A afeição erótica reprimida pela mãe se transformou em ansiedade que foi deslocada para medo de cavalos e a hostilidade para com o pai posteriormente se transformou em medo do cavalo mordê-lo. Em “Inibição, sintoma e angústia” (1926), Freud explica que o sintoma é algo que aparece no lugar do verdadeiro problema o qual é, por sua vez, excluído da consciência. Deste modo, o sintoma fóbico surge para diminuir a angústia de castração.

O pequeno Hans tem o desejo de ficar com a mãe, entretanto, pelo medo da castração, ele recalca os impulsos hostis contra o pai, dando início à formação do sintoma. Por ter esses impulsos a criança teme que o pai vá castigá-la. Esse medo foi deslocado para o cavalo, por quem ele temia ser mordido. Então, ele restringe a situação de angústia ao encontro com o cavalo que pode ser evitado ao contrário do contato com o pai. A fobia permite que o sujeito contorne a castração e possa evitar o confronto com ela e também é uma defesa, porque através da escolha de um objeto (cavalo) dá-se uma significação para a irrupção de angústia.

Pinho (2011) afirma que, ao longo do relato da análise do pequeno Hans, encontraremos inúmeras narrativas míticas forjadas por Hans, que vão compondo uma série cada vez mais extensa.

Nenhum desses elementos tem uma significação unívoca e, a cada tempo da análise, vão adquirindo sentido diferente do original, cada elemento só pode ser concebido a partir de sua relação com os outros significantes. O significante central, nesse caso, é o cavalo que está, primeiramente, associado à mãe, depois ao pai, mas também a Hans, ao falo, e assim por diante. “O encaminhamento do imaginário em direção ao simbólico permite que se construa uma organização mítica verdadeira, transposição simbólica necessária a todo trânsito edípico” (PINHO, 2011, p.63).

Percebe-se, por meio do caso do pequeno Hans, como a Psicanálise age por meio de interpretações. Freud mostrou muito bem todo o funcionamento de um problema tão comum e tão complexo como a fobia. A partir da análise de Freud acerca do caso apresentado no presente trabalho é possível perceber a importância das descobertas do pai da Psicanálise sobre a sexualidade infantil. Assim, observa-se que a fobia é um tema que permite muitas explorações e reflexões, e que não se tem, de forma alguma, um estudo acabado a seu respeito. É preciso, que se mantenha esse caráter de contínua indagação para alcançar novas descobertas a partir das já realizadas por Freud.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEMAMA, R. (Org.) (1995). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas

CREVEIRO, L. **Fobias – múltiplos aspectos**. 2009. Apresentado no site: www.psicologia.com.pt – o portal dos psicólogos.

DAL-COL, Denise Maria Lopes e PALMA, Claudia Maria de Sousa. **Angústia e sexualidade: a descoberta freudiana**. Tempo psicanal. [online]. 2011, vol.43, n.2, pp. 377-390. ISSN 0101-4838.

FILHO, E. D.R. Fobias – uma visão Psicanalítica (p.53 – 60). In: **Intercâmbio das Psicoterapias**. Org: Payá R. – São Paulo: Roca, 2011.

FIRME, M. P. **A Fobia e o Pensamento Freudiano**. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 2005.



FREUD, S. (1894). **As Neuropsicoses de Defesa**. Rio de Janeiro:Imago,1986, 2.ed. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud,v. III).

FREUD, S. (1894) **Obsessões e Fobias**. Rio de Janeiro:Imago,1986, 2.ed. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud,v. III).

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. II).

FREUD, S. (1909). **Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos**. Rio de Janeiro:Imago,1990 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud,v. X).

FREUD, S.(1926). **Inibições, sintomas e angústia**. Rio de Janeiro:Imago,1980 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud,v. XX).

HENCKEL, M.; BERLINCK, M.T. **Considerações sobre inibição e sintoma: Distinções e articulações para destacar um conceito do outro**. Estilos da Clínica, 2003, Vol. VIII, no 14, 114-125

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005)**. Psyche (Sao Paulo) [online]. 2007, vol.11, n.20, pp. 29-46. ISSN 1415-1138.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário de Psicanálise**, São Paulo, Martins Fontes, 1986

LEITE, R.S. **Inter-relação entre sexualidade neurótica e perversa à luz da teoria freudiana**. Faculdade de ciências da saúde- FACS. Brasília, 2003

PINHO, G.S. **Hans – Uma análise do infantil**. Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre, Porto Alegre, n. 40, p. 63-73, jan./jun. 2011



ROSENBERG, A M.S. Dialogando com a Psiquiatria das Fobias à Síndrome do Pânico.
Conferência no Centro de Psiquiatria Dinâmica. São Paulo, 1994.

SILVA, C.S.C. O entendimento psicanalítico da fobia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005

